

# SOMOS TODOS ASSASSINOS?

## Breve ensaio sobre a agressividade humana\*

*“Não há ninguém vivo ou morto, que não tenha concebido a sua fantasia homicida. O melhor de nós já pensou em matar e já se imaginou matando.”*

Nelson Rodrigues  
(1912-1980)

MUCIO PIRAGIBE RIBEIRO DE BAKKER\*\*  
Contra-Almirante (Ref<sup>o</sup>)

---

### SUMÁRIO

Apresentação  
Introdução  
Aspectos do comportamento humano  
A agressividade humana  
O genocídio na história humana  
As guerras humanas  
A guerra como atividade organizada  
As religiões e a agressividade humana  
A família humana  
O machismo, a agressividade e a violência contra a mulher  
A transformação da mulher  
Palavras finais  
Anexo

### APRESENTAÇÃO

Vários estudiosos do comportamento animal asseguram que os humanos

têm em seus genes, por herança assimilada de seus irmãos antropóides durante o processo evolutivo, a agressividade e a violência.

\* N.R.: O autor inspirou-se no filme *Nous sommes tous des assassins*, de 1952, do diretor André Cayatte, que realizou filmes de impacto contra as injustiças sociais na França, pós Segunda Guerra. Este, em especial, se posicionava contra a pena de morte no país e contribuiu junto à justiça para sua abolição.

\*\* Conferencista, escritor e colaborador frequente da *RMB*. Foi diretor da Escola de Guerra Naval, secretário da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar e diretor de Hidrografia e Navegação da Marinha.

A evidência de canibalismo nos redu-  
tos fósseis do Homo Erectus e do próprio  
Homo Sapiens Sapiens e da violência e  
agressividade registradas nos anais da his-  
tória humana, em que inúmeras atrocidades  
foram cometidas, nos fazem concordar com  
aqueles estudiosos e meditar sobre a trajetó-  
ria de sangue da qual somos protagonistas:  
“Homo Homini Lupus”.

O presente trabalho tem por finalidade  
despertar nossa consciência para esse im-  
portante assunto, de maneira a nos ajudar  
a conter as pulsões agressivas que possam  
surgir no cotidiano de  
nossas vidas. Afinal,  
“é maior glória fugir  
dos agravos calando-  
-se do que vencê-los  
respondendo” (Mateo  
Alemán, 1547-1614).

*“Há no ser huma-  
no e ainda nos me-  
lhores, uma série de  
ferocidades adorme-  
cidas. O importante é  
não acordá-las.”*

Nelson Rodrigues

## INTRODUÇÃO

A agressividade, o comportamento  
territorial, o gosto pelo poder e a domi-  
nância dos indivíduos do sexo masculino  
compõem a personalidade dos chimpan-  
zés e está introjetada ou incorporada à dos  
homens. As sociedades humanas, assim  
como a dos chimpanzés, se baseiam na  
luta pelo poder e nos embates masculinos.  
Não deve ser por outra razão que o rastro  
da caminhada civilizacional do homem  
esteja entremeado de lutas, violência,  
extermínios, conquistas sangrentas, guer-  
ras, escravidão, genocídios e sofrimentos.  
Desde a Pré-História, o homem utiliza

o seu progresso tecnológico para aper-  
feiçoar o seu poder de matar. O cérebro  
humano carrega o instinto e a habilidade  
de matar.

## ASPECTOS DO COMPORTAMENTO HUMANO

Raymond Dart, professor de Anato-  
mia da Universidade de Witwatersrand,  
em Johannesburg, África do Sul, tendo  
participado das descobertas de fósseis  
em Taung e outros sítios, em 1924 –

como o que chamou de Australopithecus  
Africanus –, assim se  
manifestou sobre a  
agressividade huma-  
na: “Os anais da his-  
tória humana, tintos de  
sangue e repletos de  
vísceras dilaceradas  
– desde os registros  
egípcios e sumeria-  
nos mais remotos até  
as atrocidades mais  
recentes da Segunda  
Guerra Mundial –, es-

**As sociedades humanas,  
assim como a dos  
chimpanzés, se baseiam  
na luta pelo poder e nos  
embates masculinos.  
O cérebro humano carrega  
o instinto e a habilidade  
de matar**

tão de acordo com o canibalismo universal  
primitivo, com as práticas de sacrifícios  
animais e humanos, ou seus substituti-  
vos nas religiões formalizadas; e com  
as práticas da humanidade, amplamente  
difundidas, de escalar, caçar cabeças  
como troféus, mutilar corpos e necrofilia,  
quando proclamam o denominador comum  
desse fascínio por sangue, esse hábito  
precário, essa marca de Caim, que separa  
o homem, dieteticamente, de seus parentes  
antropóides e o associa ao mais implacável  
dos carnívoros”. Essas palavras, escritas  
pelo Professor Dart, afirmam que os huma-  
nos são terrivelmente brutais, portadores  
de uma tendência inata para se matarem  
uns aos outros.

Sobre o mesmo assunto, Konrad Lorenz<sup>1</sup>, um dos fundadores da moderna Etologia (ciência que estuda o comportamento dos animais), laureado com o Prêmio Nobel de Medicina de 1973, escreveu o seguinte: “Há evidências do que os primeiros inventores de artefatos de pedra – os australopitecíneos africanos – usavam suas armas para matar não apenas animais de caça, mas também seus companheiros, membros da mesma espécie. O Homem de Pequim, o Prometeu que aprendeu a domar o fogo, usava-o para assar seu irmão; ao lado dos primeiros indícios do uso regular do fogo, jazem os ossos mutilados e calcinados do próprio *Sinanthropus Pekinensis*”.

Lorenz escreveu essas frases no seu livro *O chamado mal: A história natural da Agressão* (1963), argumentando que a espécie humana carrega consigo um legado inevitável de territo-

rialidade e agressão, instintos que, provavelmente, estão na origem dos comportamentos agressivos da espécie. A evidência arqueológica de canibalismo e as noções de instinto de territorialidade e agressividade e de uma carreira evolucionária de “macacos assassinos”, tudo isso tem sido combinado para formar um quadro de que a humanidade seja incorrigivelmente belicosa, que a guerra e a violência estão nos seus genes.

A concepção essencialmente pessimista da natureza humana não encontrou unanimidade entre os estudiosos do assunto. Richard Leakey – arqueólogo e paleontólogo –, por exemplo, rejeitou essas interpreta-

ções baseado, segundo ele, em três razões: a primeira é que nenhuma teoria da natureza humana pode ser provada com tanta certeza como pretendem seus proponentes; a segunda se apoia no fato de que, muito da evidência usada para construir tal teoria de agressão não é relevante no comportamento humano; e, por último, os indícios básicos referentes à natureza humana sugerem muito mais em favor de sermos um animal cooperativo do que agressivo.

## A AGRESSIVIDADE HUMANA

Entretanto, somos uma espécie violenta. É possível que nós, humanos, comuniquemos com nossos parentes mais próximos – os chimpanzés – muitos aspectos da personalidade deles. Os chimpanzés são os antropóides mais agressivos: eles caçam

outros primatas por causa da carne (o colobo, por exemplo) e, às vezes, comem outros da própria espécie, em guerra entre grupos. Também praticam o infanticídio. Tais características agressivas podem muito bem ter sido assimiladas pelos australopitecos e evoluídas para o gênero *Homo*.

O nosso impulso de matar estranhos ou nossos rivais sexuais constitui uma característica inata, adquirida durante o longo processo evolutivo da espécie, em que a agressividade seria, certamente, um fator de significativa importância para a sua sobrevivência no ambiente hostil das savanas africanas.

**Os humanos são  
terrivelmente brutais,  
portadores de uma  
tendência inata para se  
matarem uns aos outros**

*Raymond Dart*

<sup>1</sup> Lorenz, Konrad – etólogo e zoólogo austríaco (1903 – 1989). Entre as suas principais obras destacam-se: *O chamado mal: A história natural da agressão* (1963), *Evolução e modificação do comportamento* (1965) e *Ensaio sobre o comportamento animal e humano* (1965).

Somos uma espécie agressiva<sup>2</sup>. A agressividade é um padrão de resposta predeterminada diante de uma circunstância que o cérebro interpreta como ameaça e que pode fazer o indivíduo reagir de forma violenta. A agressividade é genética. O ser humano, como animal, não poderia sobreviver sem agressividade. A violência, por outro lado, resulta da agressividade e é influenciada por aspectos culturais.

Segundo os geneticistas, nascemos com distintas tendências à agressividade, de acordo com os genes que, em cada indivíduo, condicionam o nível de agressividade de cada um. As pes-

soas que facilmente reagem com agressividade têm maior tendência a responder com violência, interpretando situações praticamente comuns como se fossem potencialmente perigosas.

Somos também diferentes no que se refere a determinados comportamentos especiais, como o genocídio, o prazer de

torturar, a prática de estupro, o vício de drogas e o extermínio de milhares de outras espécies de animais e vegetais. O macho humano é um predador sexual, estupra e mata a sua fêmea, acontecimento relativamente comum até nos dias atuais<sup>3</sup>. Na Pré-História, praticamos o canibalismo, seja como prática ritual ou mesmo para simples alimentação.

Entretanto, o comportamento humano transmitido por via genética e que se exprime pela ausência de aprendizagem parece não apresentar nenhum indício de agressividade. Esta existe como predisposição – as ferocidades adormecidas

**O macho humano é um predador sexual, estupra e mata a sua fêmea, acontecimento relativamente comum até nos dias atuais**

a que se refere Nelson Rodrigues – a se manifestar, posteriormente, por via cultural, por meio do processo civilizacional do homem, o qual, conforme suas condições existenciais, poderá provocar o transbordamento das inclinações agressivas preexistentes na espécie. Tais inclinações, cujas origens remontam ao nosso passado

2 Agressividade – Nas origens das interações agressivas encontra-se um componente genético. Tal componente manifesta-se também no procedimento dos atos agressivos, marcado pelas sequências comportamentais específicas, cujo desenvolvimento é regido pelos sistemas de estímulos desencadeadores e inibidores de natureza diversa: visual, sonora, olfativa etc. Todas as espécies são fortemente agressivas na época da reprodução (mecanismos inibidores interferem para proteger os mais jovens). A posse de um território é também causa importante de agressão. No interior deste, o “proprietário” ataca todo intruso, que é considerado como possível rival. Nas espécies sociais mais agressivas, inclusive a espécie humana, a regulação da agressão passa pelo estabelecimento de uma estrutura hierárquica: o animal que, com o resultado de confrontos, ocupa uma determinada posição na hierarquia cede a precedência aos indivíduos de posição superior em qualquer circunstância. Uma estabilidade relativa é, assim, obtida pelos grupos, limitando o número de combates reais. No momento em que um indivíduo tem possibilidade de reagir a uma determinada situação, ele só tem duas opções: lutar ou fugir. Ao longo da evolução, a repetição desses comportamentos culminou com uma ritualização que favorece a comunicação, substituindo o verdadeiro combate pela ameaça de intimidação. A agressão, etologicamente, é um fator importante na dinâmica interna dos grupos sociais, condicionando frequentemente a sobrevivência do indivíduo ou da espécie.

3 As estatísticas de estupro no mundo, neste século XXI, são estarrecedoras. No Estado do Rio de Janeiro, em 2013, houve, em média, 16 estupros por dia. Os agressores mais frequentes eram amigos ou conhecidos, com mais de 1.300 registros no ano; o pai, com 447; e o padrasto, com 444. A violência sexual contra as mulheres é endêmica. Segundo pesquisa inédita da Organização Mundial de Saúde (OMS), uma em cada 14 mulheres do mundo já foi agredida sexualmente por alguém que não era seu companheiro.

animal, fazem parte da herança evolutiva do homem, o que significa que elas são geneticamente fixadas e, portanto, imutáveis. Há pessoas mais predispostas geneticamente ou neurologicamente a interpretar os sinais do entorno como uma possível ameaça, chegando a uma atitude extrema. Por outro lado, o sexo é um fator decisivo na violência: 90% dos atos violentos são cometidos pelo homem. Os homens têm mais testosterona, o hormônio da masculinidade, que tem relação indireta com a agressividade, promovendo a dominância social. Entretanto, convém enfatizar, as bases biológicas não justificam a violência e, por isso, inúmeras sociedades humanas atuam no sentido de conter essas características destrutivas da espécie, com o propósito de evitar que muita gente seja morta.

**O maior genocídio do século XX foi o dos judeus praticado pelos alemães durante o regime nazista. Em abril de 1940, outra barbaridade foi cometida contra poloneses pelos russos, na Floresta de Katyn, nos arredores de Smolensk**

## O GENOCÍDIO NA HISTÓRIA HUMANA

O genocídio é o extermínio sistemático de um grupo humano. É considerado pelo Direito Internacional um crime definido e condenado pela Convenção de Prevenção e Repressão ao Crime de Genocídio, adotada por unanimidade pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) em 9 de dezembro de 1948. O crime de genocídio é imprescritível (convenção adotada pela Assembleia Geral da ONU em 1968).

Na história humana, inúmeros genocídios ocorreram. Talvez o primeiro tenha acontecido quando, por volta de 40 mil anos atrás, o nosso ancestral, o Homo Sapiens

Sapiens, chegou à Europa, vindo da África através do Oriente Próximo. Naquela época, o ocidente europeu já era habitado por outra espécie do gênero Homo, o Homo Sapiens Neanderthalensis, os primeiros membros da espécie Homo Sapiens. As duas espécies humanas parecem ter coexistido por cerca de 10 mil anos. Mas o que explicaria, então, o desaparecimento dos neanderthais do registro fóssil, a partir de 30 mil anos atrás? Segundo alguns auto-

res, uma das hipóteses que atualmente vem sendo considerada é a de que eles poderiam ter servido de caça e de alimento para o Homo Sapiens Sapiens. Durante o período glacial, em que as duas espécies coexistiram, o frio intenso deve ter tornado a caça e o alimento bem mais raros e difíceis. Também é possível que tenha acontecido com a população neanderthal da Europa Ocidental

processo semelhante ao ocorrido, no mundo moderno, com inúmeras populações nativas durante o período de expansão do colonialismo europeu. Essas populações nativas tiveram suas terras invadidas, a maioria foi morta ou expulsa delas, e os sobreviventes passaram a viver confinados em reservas. Assim, em processo similar, os indivíduos da espécie Homo Sapiens Sapiens, ao chegarem à Europa Ocidental, com uma tecnologia mais desenvolvida, devem ter provocado o extermínio das populações residentes de neanderthais, o que representa, talvez, o primeiro genocídio da história humana. No entanto, é possível que outras populações do gênero Homo, consideradas arcaicas, e contemporâneas

do Homo Sapiens Sapiens tenham sido exterminadas por ele na competição pela sobrevivência: a caça e o alimento.

O maior genocídio do século XX foi o dos judeus praticado pelos alemães durante o regime nazista. Aproximadamente seis judeus em sete foram mortos nos campos de concentração, nas câmaras de gás e nos fornos crematórios. Entretanto, naquela época, em abril de 1940, outra barbaridade foi cometida contra poloneses pelos russos, agora pelos russos, na Floresta de Katyn, situada às margens do Rio Dnieper, nos arredores de Smolensk. Os russos que haviam invadido o leste da Polônia repartiram o país entre nazistas e comunistas e capturaram centenas de militares poloneses, que não tiveram qualquer chance de resistir. Os russos entregaram aos alemães os soldados, cabos e sargentos. Os oficiais foram levados para a cidade russa de Smolensk, executados com um tiro na nuca pela polícia secreta do regime comunista russo e enterrados em enormes valas. Foram 14.700 oficiais poloneses, sendo a maioria (90%) formada por oficiais temporários: políticos, engenheiros, médicos, advogados, economistas e professores que constituíam parte significativa da elite intelectual polonesa.

Este crime hediondo, um nefando genocídio descoberto pelos aliados em 1948, foi creditado aos alemães em Nuremberg. A União Soviética, no papel de potência aliada vitoriosa, reescreveu a história, impondo a sua versão. Só muitos anos depois, com o final do regime comunista na Polônia, o mundo ficou conhecendo a verdadeira versão das execuções em Katyn.

Ainda no século XX, podemos registrar os seguintes genocídios:

– Na Europa, o dos armênios pelos turcos, em 1915 (aproximadamente 1 milhão de pessoas); o dos oponentes políticos ao regime comunista pelos russos, entre 1929 e 1939 (mais de 10 milhões de pessoas); o

dos sérvios pelos croatas, na antiga Iugoslávia, entre 1941 e 1945 (mais de 100 mil pessoas).

– Na África, os tutsis pelos hutus, em Ruanda, entre 1962 e 1963 (mais de 10 mil pessoas); os hutus pelos tutsis, em Burundi, entre 1972 e 1973 (mais de 100 mil pessoas); os sudaneses do Sul pelos sudaneses do Norte, no Sudão, entre 1955 e 1972 (mais de 100 mil pessoas); os ugandeses pelo ditador Idi Amin, em Uganda, entre 1971 e 1979 (mais de 100 mil pessoas); e outros menores.

– Na Ásia, os cambojanos pelo Khmer Vermelho, no Camboja, entre 1975 e 1979 (mais de 1 milhão de pessoas); os bengaleses pelo exército paquistanês, em Bangladesh, no ano de 1971 (mais de 1 milhão de pessoas); comunistas e chineses pelos indonésios, na Indonésia, entre 1965 e 1967 (mais de 1 milhão de pessoas); os timorenses pelos indonésios, no Timor Leste, entre 1975 e 1976 (mais de 10 mil pessoas).

Entre os maiores genocídios da história, certamente, estão aqueles cometidos contra os numerosos grupos nativos que habitavam as Américas, a Austrália, a Tasmânia, as Aleutas e a África do Sul, principalmente no período compreendido entre o fim do século XV e o início de século XX, praticados pelos colonizadores europeus e seus descendentes. Foram vitimados, aproximadamente, mais de 3 milhões de nativos, incluindo os aleútes pelos russos nas ilhas Aleutas, cerca de 10 mil pessoas, entre 1745 e 1770, e os boxímanes pelos bôeres na África do Sul, mais de 10 mil pessoas, entre 1625 e 1795. Os tasmanianos foram completamente exterminados, a partir da década de 1870 (sobreviveram apenas algumas crianças de mulheres tasmanianas com homens brancos). Na Austrália, os colonos australianos e seus descendentes, no período de 1788 a

1928, mataram mais de 100 mil aborígenes e foram os responsáveis pelo extermínio dos tasmanianos.

A política dos conquistadores espanhóis para as suas terras nas Américas (Central e do Sul e Caribe) pode ser perfeitamente percebida no ato de tomada de posse de Alonso de Hojeda para os reis de Castela e Leão: a obediência ou a escravidão e morte<sup>4</sup>. Os espanhóis vitimaram mais de 2 milhões de nativos e praticamente destruíram as principais civilizações existentes nas Américas: a asteca, no México, e a inca, no Peru.

Nos Estados Unidos, de 1620 a 1890, os americanos brancos massacraram mais de 1 milhão de índios, inclusive exterminando completamente algumas etnias<sup>5</sup>. Os sobreviventes foram confinados em reservas localizadas em áreas predeterminadas pelo governo americano.

As políticas indigenistas de alguns americanos famosos, conforme publicadas no livro *O terceiro chimpanzé*, de Jared Diamond, foram reproduzidas no Anexo.

No Brasil, estima-se que existiam mais de 4 milhões de indígenas à época

do descobrimento, vivendo em plena harmonia com a natureza. Hoje, apenas 817 mil sobrevivem (censo 2010), a maior parte deles na mais absoluta miséria e sem uma política pública eficiente por parte dos governos. Índios brasileiros foram sendo mortos pela escravidão, pelo excesso de trabalho, pela doença e pela fome. Este é o nosso genocídio, que persiste até hoje.

**Índios brasileiros foram  
sendo mortos pela  
escravidão, pelo excesso de  
trabalho, pela doença  
e pela fome.  
Este é o nosso genocídio,  
que persiste até hoje**

A lista de genocídios é infinitamente longa: ela compreende também motivações sociais e religiosas, como a perseguição aos ciganos e aos judeus. São exemplos de massacres religiosos o extermínio de judeus e muçumanos de Jerusalém na Primeira Cruzada, com a

captura da cidade em 1099, e o massacre dos protestantes franceses pelos católicos (mais de 10 mil pessoas) no Dia de São Bartolomeu, em Paris, a 24 de agosto de 1572.

No Brasil, o genocídio é reprimido e definido pela Lei nº 2.889 de 1º de outubro de 1956.

Os Estados Unidos não ratificaram a Convenção sobre o Genocídio.

<sup>4</sup> “Eu, Alonso de Hojeda, vassallo dos mais altos dos muito poderosos reis de Castela o Leão, vencedores dos bárbaros e infiéis, e seu Embaixador e Capitão (...) e um destes soberanos pontífices, com o Senhor Universal da Terra, fez mercê e doação destas ilhas, e da terra firma do oceano, a SS. MM. CC. os sereníssimos reis de Castela, D. Fernando e Dona Isabel, de gloriosa memória, e a seus sucessores, nossos soberanos, com tudo quanto nelas achasse (...), estais (os povos das ilhas), pois, adstritos e obrigados a portar-vos do mesmo modo, pela qual razão vos peço de propor (...). Porém, se refusais ou dilatais maliciosamente a obediência devida à presente notificação, nesse caso, com a ajuda e favor do todo Poderoso, entrarei forçosamente por vossas terras e vos farei crudelíssima guerra, até de todo reduzir-vos à obediência da Igreja e D’EL-Rei, arrebatando vossas mulheres e filhos para se venderem como escravos ou delas se dispor como aprovar a SM. Tomando-vos todos os vossos bens, e fazendo-vos todo o mal e hostilidade, quanto em mim couber...”

<sup>5</sup> Nos Estados Unidos, o próprio Exército americano foi usado contra os índios: quando a Sétima Cavalaria do Exército dos Estados Unidos massacraram centenas de índios Sioux em Wounded Knee, em 1890, eles estavam se vingando do contra-ataque em que os Sioux haviam aniquilado a Sétima Cavalaria do General Custer na Batalha de Little Big Horn, 14 anos antes. (*O terceiro chimpanzé*, Jared Diamond).

## AS GUERRAS HUMANAS

A guerra é um genocídio consentido e aceito pela sociedade<sup>6</sup>. Desde a utilização militar do cavalo (no início do II milênio a.C.) até a bomba atômica (1945), ela evoluiu paralelamente às estruturas políticas e sociais.

O uso militar dos cavalos revolucionou a guerra. Atrrelados às bigas, os cavalos passaram a ser uma espécie de “tanque” das guerras antigas. Depois da invenção das selas e arreios, eles possibilitaram que Átila, o Huno, devastasse o Império Romano e que Gengis Khan conquistasse um império que se estendeu da China à Rússia.

Desde as disputas e conflitos entre os grupos pré-históricos até os dias atuais, o mundo sempre viveu conturbado por guerras e conquistas.

Assim, foram estabelecidas as antigas civilizações do Oriente Próximo (Suméria, Egito, Babilônia, Judeia, Assíria, Pérsia) e as civilizações clássicas (Grécia e Roma).

O último império da Antiguidade Clássica, o Império Romano, mantido por suas legiões (seu Exército, guardadas as devidas proporções, tem sido considerado como um dos melhores de todos os tempos) e que tanto contribuiu para a civilização ocidental com a cultura greco-latina, nos legou também a

**A guerra é um genocídio consentido e aceito pela sociedade**

história trágica e cruel da perseguição aos cristãos e a do Coliseu (cujo esboço ainda existe), palco das lutas sangrentas e mortais dos gladiadores, inclusive contra feras<sup>7</sup>.

Com a desintegração do Império Romano, a administração do seu imenso território foi sendo substituída pela dos senhores feudais, com o apoio do clero à nobreza, à qual o clero também pertencia.

Na Idade Média, chamada a “Idade dos Homens”, a agressividade e a violência continuaram presentes nas sociedades humanas, sobretudo na Europa, nas guerras feudais que os nobres faziam entre si, chamadas guerras privadas, e que deram origem aos estados

monárquicos, nos combates da Cavalaria e nas justas e duelos<sup>8</sup>. Essa energia guerreira excessiva vivia provocando disputas e desordens de toda espécie, com gran-

des prejuízos para as populações locais. Sua canalização para as guerras com os árabes, nas Cruzadas, foram até recebidas com certo alívio. As guerras privadas foram muitas vezes proibidas, mas só desapareceram depois da Guerra dos Cem Anos.

As guerras anteriores à Revolução Francesa foram realizadas com exércitos pouco numerosos e delas os cidadãos praticamente não participavam. A partir de 1789, foram substituídas pela “guerra dos povos”<sup>9</sup>, que

6 As regras essenciais do direito da guerra resultam das Convenções de Haia (1809 e 1907) e de Genebra (a primeira em 1864), elaboradas com o propósito de estabelecer princípios e costumes destinados a “humanizar” a guerra.

7 As touradas, hoje, representam talvez, em escala menor, um substitutivo do Coliseu romano, em que as atrocidades são, agora, praticadas contra animais, porém servindo para satisfazer esse fascínio por sangue que atrai a espécie humana, como também as brigas de cães e de galos. Por outro lado, o boxe e certas lutas marciais, pela agressividade e violência que apresentam, até com ocorrência de óbitos, não deveriam nem ser consideradas esportes. Nessas lutas quem mais sofre é o ser humano.

8 O General De Gaulle afirmava que a França tinha sido feita a “golpes de espada”.

9 A *Marselhesa*, o hino nacional francês, é um chamado dos cidadãos às armas e aos batalhões. Foi composto – letra e música – por Claude Joseph Rouget de Lisle, capitão de engenharia, em abril de 1792, como o *Canto de Guerra para o Exército do Reno*. Adotado pelo batalhão de marselheses, em Paris, durante a insurreição de 10 de agosto, foi popularmente chamada *A Marselhesa*. A canção foi decretada hino nacional em 14 de julho de 1795 e novamente em 14 de fevereiro de 1879. A letra da *Marselhesa* constitui uma evidente comprovação da “nação em armas”, com a obrigatoriedade de todo o povo participar do esforço de guerra.



desembocou, no curso das duas guerras mundiais do século XX, na guerra total, cujo objetivo é a aniquilação do adversário.

O instinto de territorialidade com que a natureza dotou os animais para a proteção de seus ninhos, de seus lares e de seus filhos, nos grupos humanos, transbordou para o conceito de pátria, de soberania e, em função disso, inúmeras chacinas e conquistas sangrentas foram concretizadas. Somente no século XX, com as duas guerras mundiais, a revolução

comunista russo-soviética, o holocausto judeu e as bombas atômicas lançadas sobre o Japão, mais de 50 milhões de pessoas foram mortas, além de um número incalculável de inválidos ou mutilados. Isto sem contar as mortes japonesas posteriores, em função de doenças cancerosas provocadas pela radioatividade residual

que permaneceu nas cidades atacadas pelas bombas. Aliás, o motivo para o lançamento das bombas sobre o Japão, em uma guerra já ganha, foi, segundo o Presidente dos Estados Unidos na ocasião, permitir que “os rapazes voltassem mais cedo para casa”. É oportuno também mencionar a destruição total da cidade alemã de Bremen, com bombas de fósforo, para apressar a rendição alemã, também numa guerra já ganha<sup>10</sup>.

**A ameaça de uma guerra nuclear e as armas de destruição em massa passaram a dominar a estratégia internacional, contribuindo para diminuir a eventualidade de sua utilização**

A todos esses injustificáveis genocídios, que não foram nem considerados crimes de guerra, podem ser acrescentados os cometidos na Guerra do Vietnã, com as bombas incendiárias tipo “napalm”.

A ameaça de uma guerra nuclear e as armas de destruição em massa, no entanto, passaram a dominar a estratégia internacional, contribuindo para diminuir a eventualidade de sua utilização, embora favorecendo indiretamente a multiplicação dos conflitos limitados, do

terrorismo, como forma de agressão localizada e de protesto, os homens e carros-bomba.

No início do século, os atentados terroristas sofridos pelos Estados Unidos levaram o país a atacar o Afeganistão, que dava apoio ao grupo terrorista Al-Qaeda, autor dos atentados, e também, depois, o Iraque, sob alegação de

este estar produzindo armas de destruição em massa e de ter ligações com grupos terroristas. Porém, ao verificar não terem sido comprovados os motivos alegados para invadir o Iraque, inclusive sem autorização da ONU, o governo dos Estados Unidos procurou justificar a invasão com o argumento de que era necessário proteger os direitos humanos<sup>11</sup> dos iraquianos submetidos à cruel ditadura de Saddam Hussein (Homo Hypocrita).

<sup>10</sup> Hitler dizia que, na guerra, não interessava o Direito, mas a vitória. Os vitoriosos não foram julgados.

<sup>11</sup> Convém observar que os direitos humanos são, quase sempre, invocados com finalidades políticas e não têm o mesmo peso para todos os países não estabelecem juízo de valor, nem definem o que é ser humano. Como considerá-los em face do conflito entre Israel e a Palestina e a luta dos Estados Unidos contra o terrorismo? No plano individual, Jack, o Estripador, o Vampiro de Dusseldorf, a Madre Tereza de Calcutá, Fernandinho Beira-Mar e a Irmã Dulce merecem os mesmos direitos? Não há deveres? A linguagem, a sociabilidade, a cultura, a auto-consciência e o amor caracterizam o ser humano. O crime de ódio o descaracteriza e o desumaniza. Cícero (106-43 a.C.), orador e político romano, afirmava, naquela época, que “o maior direito é a maior injustiça” (*Summum jus, summa injuria*). No Brasil, a Secretaria dos Direitos Humanos, quase sempre, está com o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), cuja ideologia no poder, na antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), na China, na Coreia do Norte e em Cuba, mais agrediu e violentou os direitos humanos.

Uma parte da mídia internacional procurou acusar o presidente dos Estados Unidos, responsável pelo conflito, não só de criminoso de guerra, como também de violador dos direitos humanos das populações atingidas e dos prisioneiros cruelmente torturados. Talvez seja por isso que os Estados Unidos não reconhecem o Tribunal Penal Internacional (TPI) da ONU, criado em 2002, para punir os crimes de guerra e contra a humanidade.

## A GUERRA COMO ATIVIDADE ORGANIZADA

Entre chimpanzés é comum que grupos de machos se unam para defender suas posses ou invadir outros territórios, investidas que, não raro, terminam em banhos de sangue. Mas a guerra como uma atividade organizada é algo que não se verifica em nenhum de nossos parentes. Porém, no reino animal, não se trata de uma marca exclusiva da espécie humana. As formigas são os bichos que mais se devotam à guerra no planeta. Possuem exércitos regulares, com tarefas definidas para cada pelotão, e promovem matanças nos grupos rivais. Mas nem entre elas existe algo equivalente ao genocídio, ao assassinato maciço de outro grupo da mesma espécie, como ocorreu com os judeus na última guerra mundial e com as bombas atômicas lançadas sobre o Japão<sup>12</sup>. Só mesmo o homem é capaz de tamanho crime em todo o reino animal.

**As religiões primitivas em nada contribuíram para atenuar ou reduzir a agressividade humana**

## AS RELIGIÕES E A AGRESSIVIDADE HUMANA

As religiões primitivas em nada contribuíram para atenuar ou reduzir a agressividade humana. Ao contrário, seus rituais, muitas vezes, eram banhados em sangue, com sacrifícios de animais e mesmo de seres humanos. Até as religiões tradicionais, como o judaísmo e o cristianismo e, mais tarde, o islamismo, que basicamente pregam o amor e o entendimento entre os homens, não conseguiram diminuir a agressividade humana e passaram não só a conviver com ela, mas até a incentivá-la, como ocorreu durante o processo de evangelização de outros povos e culturas, especialmente nas Américas Central e

do Sul, quando muitas populações indígenas locais foram dizimadas (ver nota 4).

A intolerância e o desentendimento entre as religiões tradicionais provocaram as guerras religiosas, como as

Cruzadas e as advindas da Reforma, no século XVI, além da constante segregação e perseguição aos judeus.

A religião católica instituiu a Inquisição, com o propósito de combater as heresias populares que se multiplicavam na Europa Ocidental, a partir de meados do século XII. O Papa Inocêncio III, pela bula “Vergentis in Senium”, de 1199, comparou a heresia ao crime de lesa-majestade. O tribunal inquisitorial criado passou a realizar um interrogatório sistemático da população, a delação foi encorajada, os suspeitos eram privados do auxílio de um advogado e a tortura era frequentemente

<sup>12</sup> Todo ano, no dia 8 de agosto, aniversário do ataque atômico de Hiroshima, o jornalista Arnaldo Jabor lembra o fato, que entristece a humanidade. É o único que faz isso.

empregada. A pena de morte era muito comum, sobretudo em relação às mulheres quando acusadas de bruxaria, as quais eram queimadas vivas em fogueiras. Até Joana D’Arc, cuja atuação na libertação de Orleans permitiu reacender nos franceses o sentimento nacional, tendo fracassado e sido ferida diante de Paris, foi presa e vendida aos ingleses. Declarada herética por um tribunal da Santa Inquisição, foi queimada viva em Rouen, a 30 de maio de 1431.

Algumas das mais bárbaras atrocidades deste século foram cometidas em nome de Deus: extermínio de populações, decapitações, enforcamentos, infanticídios. Nos dias atuais, o problema religioso está na base da instabilidade política e da violência que ocorrem no Oriente Médio.

## A FAMÍLIA HUMANA

Pode-se verificar o surgimento natural da agressividade humana

nos colégios, entre crianças e adolescentes, quando se reúnem para ridicularizar, humilhar, aterrorizar ou mesmo agredir um colega aluno portador de qualquer diferença ou deficiência, o chamado *bullying*, que hoje também ocorre entre as meninas alunas. O mesmo acontece, e com maior intensidade, nas escolas superiores, nas universidades, com o chamado “trote”, em que os rapazes e moças novatos, os calouros, são quase sempre agredidos, humilhados e explorados pelos veteranos, às vezes de maneira brutal

e com ocorrência de óbitos e estupros. Isto ocorre até entre os estudantes de medicina, uma profissão nobre que se propõe a salvar vidas.

Evidentemente, as pulsões agressivas da espécie humana podem e devem ser atenuadas, neutralizadas e mesmo anuladas pela atuação familiar, com o devido cuidado relativo à educação da criança e do adolescente, inclusive com seu acompanhamento durante o período escolar. A família pode influenciar decisivamente os com-

**Se uma criança cresce num ambiente no qual a violência faz parte do seu dia a dia, inclusive pelo tipo dos brinquedos que lhe são dados, e também por comentários dos pais incentivando a valentia, ela aprende a se comportar nesse meio em que ser valente e forte pode significar usar a agressividade**

portamentos violentos por meio da aprendizagem, que muda as conexões dos neurônios. Se uma criança cresce num ambiente no qual a violência faz parte do seu dia a dia, inclusive pelo tipo dos brinquedos que lhe são dados, e também por comentários dos pais incentivando a valentia, ela aprende a se comportar nesse meio em que ser valente e forte pode significar usar a agressividade.

Estudos recentes de neurobiologia confirmam que o desenvolvimento mais acentuado da estrutura cerebral da criança ocorre nos seus primeiros anos de vida, durante a primeira infância, pelo menos até os 7 anos de idade, quando o cérebro absorve mais o entorno e quando o leite materno fornece os nutrientes mais adequados para a maturação dos neurônios na sua formação. Nesta ocasião, o papel da mãe e da família é de suma importância para o desenvolvimento normal da personalidade da criança. Numa fase precoce da ontogenia,

como na primeira infância, o contato humano e o modo de viver humano são fundamentais para nos tornar humanos. Por meio da aprendizagem social das crianças, pode-se, gradualmente, reduzir comportamentos violentos. É necessário também aprender novos caminhos diferentes da agressividade para lidar com o enfrentamento social.

A importância da mãe na educação dos filhos foi até lembrada por Ralph Waldo Emerson (1803-1882), escritor e filósofo norte-americano, quando afirmou: “Os homens são o que suas mães fazem deles”<sup>13</sup>.

Os valores éticos, morais e comportamentais não são inatos e devem ser transmitidos desde a infância pelos pais ou responsáveis. É também tarefa dos pais ou responsáveis ensinar aos filhos a não viverem em busca desenfreada pelo consumismo e por prazeres individuais. Esta nova juventude mais informada, mais tolerante e menos preconceituosa merece ser cultivada com valores melhores, mas com as restrições próprias do processo civilizatório, uma tarefa que cabe, sobretudo, aos pais e responsáveis.

Entretanto, para muitos jovens os anos da adolescência serão os mais perigosos da vida. Desemprego, gravidez precoce,

aborto, doenças sexualmente transmissíveis e drogas compõem a trágica equação que ameaça destruir o sonho juvenil, abrindo as portas para uma explosão de agressividade e violência e para a delinquência e a marginalidade. Esse novo perfil da criminalidade entre menores nos leva a pressupor que os pais pouco conheceram os seus filhos ou se omitiram na educação a eles devida. Não é difícil imaginar em que ambiente

afetivo se desenvolvem os integrantes das quadrilhas juvenis de marginais. É o quadro que resulta da crise da família, da educação permissiva e do bombardeio sistemático de setores do mundo do entretenimento, principalmente da mídia, que se empenham em destruir qualquer vestígio dos valores morais e éticos. A valorização do sucesso sem limites éticos, a apresentação de desvios comportamentais num clima de normalidade e a consagração da impunidade, sem dúvida, muito têm colaborado para o crescimento do crime entre os menores de idade.

### **O MACHISMO, A AGRESSIVIDADE E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

A cultura do machismo é inerente à espécie humana e ocorre em quase todos

**É tarefa dos pais ensinar aos filhos a não viverem em busca desenfreada pelo consumismo e por prazeres individuais. Esta nova juventude mais informada, mais tolerante e menos preconceituosa merece ser cultivada com valores melhores**

13 Na natureza, entre os mamíferos, incluindo os primatas, o papel da mãe é não só fundamental como decisivo na sobrevivência da espécie: na amamentação, na proteção, no desmame, na alimentação e na educação da prole até a adolescência. O pai é, muitas vezes, secundário. É a mãe a grande mestra da natureza e a grande responsável pela sobrevivência da vida animal. Isto também valeria para os humanos, mas está sendo relegado, tanto pela desagregação familiar, pela crise da família, como pelo novo papel da mulher na sociedade de consumo. Hoje, somos crianças de creche.

os seus parentes antropoides. É decorrente do processo evolutivo. Geralmente, os homens são mais fortes, mais altos e mais velozes do que as mulheres, pois não só eram os responsáveis pela defesa do grupo contra ataques de grupos rivais, de feras e predadores, como por empreenderem a caça, inclusive a de animais de grande porte. As mulheres colhiam plantas e raízes alimentícias e se dedicavam à maternidade e a cuidar da infância prolongada da espécie. Esta divisão do trabalho nas sociedades pré-humanas, talvez, esteja na raiz da dominância social do homem sobre a mulher que, exercida durante tanto tempo, chegou até aos dias atuais, nos quais os homens, quase sempre, têm o controle dos instrumentos de prestígio e de poder sobre as mulheres.

A sexualidade dos grupos humanos evoluiu, desde a Idade da Pedra, para a união monogâmica entre o homem e a mulher, com o propósito de evitar o infanticídio – comum entre os primatas antropoides – e proteger a prole, incapaz de subsistir sem ajuda dos pais após o desmame. Nos grupos humanos remanescentes dessa época, os caçadores-coletores ainda hoje existentes – os boxímanes da Namíbia, por exemplo –, não se têm notícia da existência de agressividade e violência contra as mulheres dos grupos. A imagem do homem das cavernas arrastando uma mulher pelos cabelos e possuindo-a brutalmente é uma fantasia que nunca existiu realmente.

A agressividade e a violência contra as mulheres devem ter se originado,

provavelmente, com o início do processo de sedentarização dos grupos humanos, resultante do sucesso da agricultura. A construção das primeiras cidades e a intensificação do processo de civilização favoreceram o acúmulo de bens, a propriedade, a ociosidade, as trocas comerciais, os negócios, a moeda, a ganância, as disputas, os crimes, os conflitos e até as guerras entre os grupos oponentes ou rivais. A sociedade dividiu-se em classes, com uma elite dominante. Apareceram os líderes, os chefes, os reis, os déspotas e muitos foram explorados no trabalho. A formação de classes exacerbou a desigualdade social e sexual

e as mulheres foram excessivamente exploradas, principalmente no trabalho agrícola – como ocorre ainda hoje entre algumas populações de países asiáticos –, e se exauriam em gestações frequentes, uma vez que não precisavam mais espaçar o nascimento dos filhos, como ocorria entre os caçadores-coletores.

No decorrer da vida urbana foram também surgindo as tensões e os problemas sociais: a prostituição e os desvios da sexualidade – vícios e virtudes que compõem a personalidade humana –, evidenciando a necessidade do estabelecimento de normas ou regras de conduta para a convivência humana, nas quais os delitos e crimes praticados seriam reprimidos, muitas vezes, com penas cruéis – o trabalho escravo, as galés, a tortura, a mutilação, a castração e a morte, fosse por esfolamento, decapitação, enforcamento, crucificação, queimação, apedrejamento ou outras barbaridades.

**O abuso de drogas e o uso de bebidas alcoólicas constituem outras práticas culturais tipicamente humanas, assim como a devastação do meio ambiente e o extermínio em massa de inúmeras espécies de animais e vegetais**

O abuso de drogas e o uso de bebidas alcoólicas constituem outras práticas culturais tipicamente humanas, que surgiram no decorrer do processo civilizacional, assim como a devastação do meio ambiente e o extermínio em massa de inúmeras espécies de animais e vegetais.

Apesar do progresso das sociedades humanas, a mulher continuou em posição subalterna, o que ocorre praticamente até hoje, sobretudo em algumas culturas. A agressividade, a violência e a exploração da mulher têm sido constantes na trajetória da civilização humana, com a prostituição, o comércio de escravas brancas, os crimes passionais e o estupro, muitas vezes seguido de morte. É o efeito perverso desse processo cujas origens remontam, provavelmente, aos ajuntamentos humanos das primeiras sociedades, as quais

devem ter fornecido as bases para as diferentes culturas androcêntricas, de dominação masculina, que perduram até

hoje e que tiveram seu ápice na Idade Média. É o androcentrismo que transmite uma visão equivocada da mulher, como um ser subalterno, objeto do desejo e meio de reprodução, apropriada pelos diferentes sistemas que julgam e decidem sobre o seu comportamento.

Segundo pesquisa inédita da Organização Mundial de Saúde (OMS), em pelo menos quatro regiões do planeta – com taxas de agressão sexual acima de 15%, sobretudo na África – a violência sexual já é considerada endêmica.

A história das mulheres, mesmo no século XXI, continua marcada pela agressão e violência. Só no ano passado, no Brasil, foram mais de 50 mil casos de estupro (Fórum Nacional de Segurança

Pública). O estupro é uma mutilação psíquica que a vítima carrega para sempre. Uma sociedade, como a brasileira, que convive com 50 mil casos de estupros por ano, com a naturalidade dos dias comuns é uma sociedade doente, anômala, permissiva.

Em 29 países, na África e Oriente Médio, segundo a ONU, 125 milhões de meninas e mulheres já passaram pelo processo de mutilação genital. Nessas regiões, a prática prevalece apesar das campanhas contrárias. Também a infibulação – sutura quase completa dos grandes lábios da mulher, para impedir o ato sexual – ainda é praticada em 23 países, da África e Arábia Saudita à Indonésia.

## A TRANSFORMAÇÃO DA MULHER

### **O estupro é uma mutilação psíquica que a vítima carrega para sempre**

Com a transformação da mulher em agente econômico, uma consequência direta do consumismo, da produção de bens, dos movimentos fe-

ministas que, desde o início do século passado, lutavam pela igualdade de direitos e oportunidades entre o homem e a mulher e, ainda, do advento da pílula anticoncepcional, no início da década de 60, provocando verdadeira revolução sexual, a mulher deixou de vez o lar pelo trabalho, restringindo seus milenares cuidados com a infância prolongada da espécie, em que a atuação da mãe é, na maioria das vezes, fundamental e mesmo insubstituível. Assim, a mulher, que, durante milhões de anos, se dedicava exclusivamente à maternidade e aos cuidados com a infância da espécie, e que teve sua fisiologia para isso adaptada, passou a competir com o homem em todos os setores: no trabalho, nos

esportes, nas áreas de segurança e até nas Forças Armadas<sup>14</sup>.

A mulher se corrompe menos do que o homem e é mais educada e cordial no trato com as pessoas. Ela não deve absorver os defeitos do homem e perder as suas características de feminilidade, tornando-se masculinizadas<sup>15</sup>.

Essas novas alterações do comportamento feminino, provavelmente, irão motivar no decorrer do tempo evolutivo, uma certa compatibilização fisiológica, a qual somente o futuro poderá precisar (é até possível que a incidência de câncer no útero e no seio esteja relacionada a essas alterações comportamentais).

## PALAVRAS FINAIS

O modelo de civilização adotado, baseado na produção de bens, provocando um consumismo incontrolável, exacerbado por uma propaganda esmagadora e quase sempre enganosa dos meios de comunicação, está fazendo emergir, de maneira galopante, os chamados efeitos, perversos

ou colaterais do desenvolvimento. Tais efeitos, agravados pelas desigualdades sociais, pela desagregação familiar, pela erotização da sociedade – facilitada pelos meios de comunicação, sobretudo a TV –, pelo comércio de drogas, pelos desvios sexuais e sua banalização, pela permissividade consentida e aceita como progressista e pela erogenização precoce da infância e

da adolescência, provocando um aumento incontrolável da gravidez precoce e da prostituição infantil, estão fazendo emergir, em níveis surpreendentes, a agressividade humana, as manifestações

violentas e toda sorte de comportamentos antissociais e patológicos: matam-se os pais pelo dinheiro para comprar drogas; mata-se para roubar um par de tênis ou um telefone celular; em estupros, inclusive de crianças, e em assaltos de toda ordem. O País tem a média de seis pessoas mortas por hora. Em 2013, o número de vítimas atingiu 53.646, incluindo homicídios, latrocínios e lesões seguidas de morte. O número de roubos a carros e a bancos e de assaltos a pedestres e a residências chegou

**A mulher se corrompe menos do que o homem e é mais educada e cordial no trato com as pessoas**

14 Evidentemente, a mulher tem condições e qualidades suficientes para exercer quaisquer atividades, mesmo as consideradas tradicionalmente masculinas, e isto a História tem comprovado. São exemplos: Joana D'Arc fez coroar o Rei Carlos VII, que colocou à sua disposição um Exército, e, sem possuir qualquer experiência militar anterior, com apenas 17 anos, libertou a cidade de Orléans e obteve inúmeras vitórias sobre as posições anglo-borgonhesas, reacendendo nos franceses o sentimento nacional que os comandantes nobres não tinham conseguido; a Resistência Francesa (1940-1945), em que o desempenho das mulheres foi fundamental para minar o esforço de guerra alemão na frente ocidental; Stalingrado, em pleno inverno russo, onde as mulheres combatiam na retaguarda da frente alemã, no corpo a corpo, com armas brancas ou baionetas, impondo um verdadeiro terror aos soldados alemães e atacando a qualquer hora, inclusive à noite, obrigando à tropa a uma vigília constante – sem a contribuição das mulheres, não teria sido possível a vitória em Stalingrado.

15 Atualmente, na Europa Ocidental, na França por exemplo, o índice de crescimento populacional tem sido praticamente nulo, especialmente porque muitas mulheres, principalmente das classes sociais mais abastadas, não desejam ter filhos e, quando querem crianças, preferem a adoção ou o aluguel de gestante (com inseminação artificial). A grande preocupação feminina atual, sobretudo entre as mulheres mais jovens, tem sido a estética, com as plásticas e as cirurgias reparadoras e corretivas. À proporção que vão envelhecendo, vão se mutilando cada vez mais. Isto vem confirmar uma máxima de La Rochefoucauld (1613-1680): “O inferno das mulheres é a velhice”.

a 1,19 milhão. Até uma partida de futebol pode transformar-se em guerra de torcidas, com agressões e mortes.

Nada mais revelador da agressividade humana do que um motorista na direção do seu carro. A agressividade e a violência no trânsito não serão resolvidas por vistorias ou leis, mas com educação e responsabilidade dos motoristas. A Segurança Pública talvez seja a área que menos atenção tem recebido do governo, desde o restabelecimento do regime democrático.

A explosão da violência que assola a sociedade brasileira tem sua origem na crise da família e na falência da escola. Ao Estado compete fortalecer o núcleo familiar, construindo uma cultura do casamento saudável: crianças criadas fora do casamento têm maior propensão a abandonar a escola e a consumir drogas. Da mesma forma, a valorização da escola, melhorando a qualidade educacional, é fundamental para eliminar a crise ética que castiga amplos segmentos da vida pública brasileira e que tem seu nascedouro na crise da família.

Por outro lado, a televisão e a revolução digital praticamente eliminaram o diálogo

familiar, substituindo-o por um avassalador processo eletrônico de informações, nem sempre de boa qualidade e muitas vezes dispensável, que foge ao controle das famílias e pode contribuir para a sua desagregação.

A transformação da internet num descontrolado espaço para a manifestação de atividades criminosas (a pedofilia, o racismo, a oferta de drogas e até “leilões” de virgindade) está na origem de inúmeros comportamentos patológicos. Nesta moldura mundial globalizada, a superprodução pornográfica vai se tornando algo natural e às vezes utilizada como oportunidade de se obter lucros rápidos e conquista

de fama. Hoje, no Brasil, o chamado turismo sexual e o tráfico de mulheres, crianças e adolescentes estão sendo direcionados a este ponto.

As nossas leis muito benevolentes na punição dos crimes e nossa justiça muito lenta criam um ambiente de impunidade que favorece as atividades criminosas, além de outras facilidades que estimulam o banditismo: progressão de pena, regime semi-aberto, visitas íntimas, licenças

especiais, indulto natalino, auxílio-reclusão e outros “agrados” que podem transformar uma condenação de mais de 30 anos em regime fechado, por homicídio doloso

**A Segurança Pública talvez seja a área que menos atenção tem recebido do governo, desde o restabelecimento do regime democrático.**

**A explosão da violência que assola a sociedade brasileira tem sua origem na crise da família e na falência da escola**

**As nossas leis muito benevolentes na punição dos crimes e nossa justiça muito lenta criam um ambiente de impunidade que favorece as atividades criminosas**



qualificado, com todas as agravantes, no cumprimento de uma pena de pouco mais de seis anos em regime fechado e, às vezes, nem isso.

Segundo a Previdência Social, o auxílio-reclusão – ou “bolsa-bandido”, como o povo prefere chamá-lo – é um “benefício devido aos dependentes do segurado recolhido à prisão, durante o período em que estiver preso sob regime fechado ou semiaberto”. À família da vítima, o Governo não presta o mínimo auxílio. Aliás, essa leniência com a criminalidade é prática relativamente comum nos políticos da chamada “esquerda democrática” e teve suas raízes em alguns filósofos do Iluminismo, para os quais é a sociedade, desigual e injusta, que corrompe

os indivíduos e os leva ao crime. É bastante atual a máxima do pensador francês François de La Rochefoucauld (1613-1680):

“Muito falta para que a inocência encontre tanta proteção quanto o crime”.

Mas nem tudo é agressão e violência no comportamento humano. Uma vez neutralizada desde a infância qualquer predisposição agressiva, as manifestações de solidariedade, de cooperação e de filantropia se sobressaem naturalmente e têm acompanhado o homem em toda a sua história. São inúmeros os exemplos de pessoas e instituições que se dedicam a ações filantrópicas,

entre os quais basta citar apenas um dos mais recentes, pela sua amplitude e pelo seu trabalho: “Médicos sem Fronteiras”.

**Mas nem tudo é  
agressão e violência no  
comportamento humano.  
São inúmeros os exemplos  
de pessoas e instituições  
que se dedicam a ações  
filantrópicas, entre os quais  
basta citar apenas um dos  
mais recentes,  
pela sua amplitude e pelo  
seu trabalho:  
“Médicos sem Fronteiras”**

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:  
<PSICOSSOCIAL>; Sociologia; Antropologia; Comportamento;

### NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, Olavo de. “Primores de ternura I”, *Diário do Comércio*, 14/10/2009.  
 CARVALHO, Olavo de. “Primores de ternura II”, *Diário do Comércio*, 16/10/2009.  
 DE WALL, Frans. *Eu, Primata*, Companhia das Letras, 2007.  
 DIAMOND, Jared. *O Terceiro Chimpanzé*, Editora Record, Rio de Janeiro – São Paulo, 2010.  
 DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens*, Companhia das Letras, 1989.  
 GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL – 1998.  
 LAPOUGE, Gilles. “Do Primata ao Homo Sapiens”, *Cultura – O Estado de São Paulo* – 1983.  
 LEAKEY, Richard E. *Origens*, Editora Universidade de Brasília, 1980.  
 LEAKEY, Richard E. *A Evolução da Humanidade*, Editora Universidade de Brasília, 1981.  
 RÓNAI, Paulo. *Dicionário Universal de Citações*, Nova Fronteira, 3ª Edição, 1985.  
 SELEÇÕES ENCICLOPÉDIA. “Os Antepassados do Homem”, 2004.

## ANEXO

### POLÍTICAS INDIGENISTAS DE ALGUNS AMERICANOS EMINENTES<sup>16</sup>

Presidente George Washington: “Os objetivos imediatos são a destruição total e a devastação dos seus assentamentos. É essencial arruinar suas plantações e impedir que plantem mais.”

Benjamin Franklin: “Se for o designio da Providência extirpar estes selvagens de modo a abrir espaço para os agricultores da terra, não parece improvável que o rum seja o meio indicado.”

Presidente Thomas Jefferson: “Esta raça infeliz, que tantos esforços temos feito para salvar e civilizar, com sua deserção inesperada e suas barbaridades atroz, justificou o extermínio e agora espera a nossa decisão sobre a sua sorte.”

Presidente John Quincy Adams: “Que direito tem o caçador a uma floresta de mil quilômetros sobre a qual ele acidentalmente se estendeu em busca de presas?”

Presidente James Monroe: “O estado caçador ou selvagem exige maior extensão de território para o seu sustento do que é compatível com o progresso e as reivindicações justas da vida civilizada... e deve ceder a elas.”

Presidente Andrew Jackson: “Eles não possuem a inteligência, a diligência, os costumes morais nem o desejo de aprimoramento necessário para qualquer mudança favorável de sua condição. Estando em meio a uma raça diferente e superior, e sem apreciar as causas da sua inferioridade nem tentar controlá-las, eles necessariamente devem ceder à força das circunstâncias e logo desaparecer.”

Presidente do Supremo Tribunal, John Marshall: “As tribos de índios que habitavam este país eram selvagens, sua ocupação era a guerra, a sua subsistência era obtida da floresta. Foi impossível aplicar a lei que regula, e em geral deve regular, as relações entre conquistador e conquistado a povos nestas circunstâncias. O descobrimento (da América pelos europeus) deu direito exclusivo de extinguir o título de ocupação indígena, seja pela compra, seja pela conquista.”

Presidente William Henry Harrison: “Deve uma das melhores partes do planeta permanecer em estado natural, guardada de um punhado de selvagens desprezíveis, quando parece destinada pelo Criador a sustentar uma grande população e ser o berço da civilização?”

Presidente Theodore Roosevelt: “O colonizador e o pioneiro no fundo tiveram a justiça do seu lado; este grande continente não podia continuar a ser uma reserva de caça de selvagens esquilidos.”

General Philip Sheridan: “Os únicos índios bons que vi estavam mortos.”

---

<sup>16</sup> Transcrito do Livro *O Terceiro Chimpanzé*, de Jared Diamond.